

Na importação, rigor, mas com regras definidas

por Suely Caldas

Se em 1980 as empresas passaram por períodos difíceis, em razão da falta de continuidade na política de importação conduzida pela Carteira de Comércio Exterior do Banco do Brasil — Cacex, para este ano o governo promete continuar contendo com rigor a expansão das compras externas. Mas assegura que vai submetê-las a regras claras, abertas e definidas, dando oportunidade a que os empresários planejem e racionalizem sua produção nos limites necessários para o País equilibrar sua balança comercial. As dificuldades impostas a quem pretendia importar foram o fator que mais marcou o comércio exterior em 1980, chegando a afetar até a produção voltada à exportação.

A revelação aberta dessas regras já trouxe um sério problema para o Brasil neste início de ano. Em represália, a Argentina criou uma sobretaxa de 20% incidente sobre 98% dos produtos brasileiros que entram em seu território. Mas o governo do Brasil não teme que outro país venha a imitar o exemplo argentino, porque são regras de restrição temporárias, até que o país equilibre seu balanço de pagamentos. Além disso, estão sendo justificadas no âmbito do Acordo Geral de Tarifas e Comércio (GATT).

No entanto, a rigorosa contenção às importações em 1980, que incluiu o bloqueio de guias (comumente denominado "operação tartaruga") não foi capaz de evitar que o País fechasse o ano com um déficit comercial de quase US\$ 3 bilhões, a despeito do crescimento de 33% nas exportações, que muitos não acreditavam ser possível.

O governo, contudo, acredita que já se muniu dos instrumentos fundamentais para buscar o equilíbrio na balança comercial, em torno de US\$ 26 bilhões para cada lado. Na área das importações, limitou as compras de cada empresa ao mesmo valor gasto no ano passado e aumentou de 15

para 25% a alíquota do imposto sobre as operações de câmbio, tornando assim o dólar importação bem mais caro que o dólar exportação.

Obrigou ainda o financiamento externo para uma série de produtos com peso expressivo na pauta, ampliou a lista de produtos com importação suspensa; e limitou em 750 mil barris/dia as compras de petróleo. Na área das exportações, instituiu o princípio de que não há limites de recursos para financiar as vendas externas e adotou outros mecanismos de automaticidade e, vantagens nos créditos, capazes de dar ao produto brasileiro um nível de competitividade suficiente para expandir suas vendas.

Além disso, há o compromisso do governo de reajustar a taxa de câmbio em níveis equivalentes aos da inflação, afastando a possibilidade de, em 1981, ocorrerem os problemas do ano passado, quando muitos empresários se queixaram de perda da correção cambial. "As medidas estão aí — como diz o diretor da Cacex, Benedito Moreira —, agora é esperar os resultados."

O crescimento de 33% nas vendas externas em 1980, determinado muito mais pelo aumento do volume que de preços das mercadorias, elevou a receita cambial brasileira de US\$ 15,2 bilhões em 1979 para pouco mais de US\$ 20 bilhões. Os produtos primários tiveram crescimento de 33,7% na Receita, enquanto os industrializados se elevaram em 32,2%. O café é ainda o carro-chefe da pauta, mas o açúcar foi inegavelmente o produto que mais se valorizou durante o ano. Ele percorreu uma escalada de preços que elevou a Receita para US\$ 1,3 bilhão. Além do minério de ferro e o complexo soja e cacau, que sempre proporcionaram bons rendimentos ao País (o cacau menos, porque enfrentou problemas de queda de preços em 1980) houve uma expansão significativa nas vendas de frangos.

Mas o crescimento da de-

manda de frangos implicou aumento do consumo de milho, e o País foi obrigado a gastar divisas com essa importação.

Prejudicadas pela contenção da correção cambial, as vendas de manufaturados apresentaram crescimento extraordinário de 39% até setembro, caindo depois para 35%. Os negócios com automóveis não chegaram a ser afetados, porque esses produtos continuaram recebendo os incentivos fiscais extintos para os demais em dezembro de 1979.

Os têxteis, entretanto, foram extremamente atingidos e suas vendas caíram em cerca de metade do volume comercializado em 1979. Desde agosto, os exportadores começaram a reclamar contra a queda da rentabilidade de seus negócios com o exterior, alegando que a maxidesvalorização de 30% já tinha sido inteiramente absorvida.

Esse foi o principal tema do I Encontro Nacional dos Exportadores, realizado em setembro. Logo depois o governo ampliaria o limite da correção cambial de 40% para 50% e posteriormente anunciava também uma liberalização maior nas minidesvalorizações. A taxa de câmbio figurou na primeira linha de preocupação dos empresários, tanto exportadores como importadores. Nos primeiros meses do ano passado, circularam rumores de que o governo faria a segunda maxidesvalorização, o que levou os importadores a verdadeira corrida de guias na Cacex, a fim de evitar o dólar mais caro. A Cacex acusou os empresários de formarem estoques especulativos. Com o pretexto de impedir a prática passou a aplicar a "operação tartaruga", restando guias de importação e tornando difícil a vida das empresas. Para 1981, a Cacex instituiu os programas de importação por empresa, dando-lhes ciência de que só podem importar até o mesmo valor do ano passado e que, dessa forma,

tanto, terão de conjugar sua produção a essa nova realidade.